



Luís Filipe Castro Mendes
(2021), *Voltar*,
Lisboa: Assírio & Alvim
ISBN: 978-972-37-2158-4

Nota de leitura
Julia Araujo Borges
(Universidade Federal Fluminense)

 10.34640/universidade2025borges

Em pleno momento pandêmico vivido ao redor do mundo, é lançado, em abril de 2021, o último livro de poesias de Luís Filipe Castro Mendes, pela editora Assírio & Alvim, *Voltar*. O autor é figura conhecida no mundo político pelo seu trabalho diplomático e também como ministro da Cultura do XXI Governo Constitucional de Portugal. Entretanto, como ele próprio afirma que “responde à vida com poemas”, ser poeta é a sua classificação mais exata.

Com poema de abertura de título “Ulisses nunca voltou a casa”, logo o leitor pode fazer um paralelo ao livro anterior de Castro Mendes: *Outro Ulisses Regressa a Casa*. Obra esta que traz a insólita figura de Ulisses para além da guerra que o levou a deixar a sua Ítaca, mas agora configurando o destecer de um homem que se molda pelo tempo e pelo espaço, fazendo com que o seu retorno não determine o regresso daquele que foi, mas a chegada de um novo sujeito. O herói homérico ainda permanece no imaginário do autor ao longo de *Voltar*. Um Ulisses ainda mais intenso e perspicaz, ainda mais guerreiro e arguto; mais, de fato, humano. Característica que se constrói na eterna busca de si, no desejo

ardente de ser e de tecer aquele fio que nos conduz ao entendimento do real significado de existir.

Voltar é reconhecer a mudança latente daquele que vai, mas também daquele que fica, e a busca pelo encontro do desconhecido atravessa eras, e atinge, no poeta português, o entendimento de que uma viagem pode levar o sujeito a ultrapassar o universo marítimo projetando-o, muitas vezes, para outras jornadas na própria *psique*. No caso de *Voltar*, a viagem é mais intensa e distante, não exclui totalmente as deslocamentos externas características dos percursos essenciais da vida, sem a primazia dos destinos, até porque o indivíduo que foi não é o mesmo que retorna. A morada que deixou não é a mesma a ser encontrada, ainda que intacta, não mexida, não alterada nem esvaziada.

Castro Mendes revela um deslocar que não se limita ao espaço, antes colocando o tempo como o senhor da mudança; afinal, é o tempo que muda os imutáveis e que altera os percursos, como revela: “Por isso o amor esbarra no tempo e o tempo/ faz de nós o que quer, empurra-nos na deriva das correntes,/ abandona-nos aos ventos variáveis,/ torna-nos eco de outros ecos, lugar de outros lugares,/ cria-nos outros tempos” (CASTRO MENDES, 2021:15).

A memória entra nessa dinâmica a fim de costurar os tempos passados ao hoje. É pela memória que o tecer de Penélope se desenvolve, como o autor escreve: “ela (Penélope) que tece o tempo e o engana.” (CASTRO MENDES, 2021: 55). É pela memória que Luís Filipe Castro Mendes revisita sua pátria, é pela memória que Ulisses refaz os caminhos para voltar ao lar. É pela memória que os sujeitos são criados e recriados e que a história, pública ou privada, começa a ganhar contornos de realmente vivida. Um instante não substitui outro instante, pois desta forma haveria somente o presente, não existindo um prolongamento do passado no presente; não existiria evolução, nem uma duração concreta: “tu não guardas nada, tu atravessas as coisas que foram vida e alegria/ e no que te demoras há o rasto do que para sempre sobrou da tua vida” (CASTRO MENDES, 20021: 35). Assim, pelo fato de o passado crescer continuamente, também se preserva indefinidamente. Além disso, a memória não serve somente para classificar recordações em uma gaveta, nem para as inscrever em um registro. Esta seria uma percepção muito simplista para um mecanismo tão complexo quanto ela é. Pensar sobre o passado é resgatar situações, lugares, pessoas e até mesmo sentidos vividos e estabelecidos em outro tempo e em outro espaço.

Luís Filipe Castro é autor de múltiplos gêneros e a poesia se mistura com a prosa, trazendo diversas referências de escritores como Emily Dickinson, Nietzsche, Jorge Luis Borges, Pessoa, Camões e Camilo Pessanha. Mas o resgate poético do autor carrega sobretudo a memória clássica em seus versos e torna o ontem muito próximo do agora, em

um transitar entre lugares diversos pelo mundo, por força da carreira profissional, mas também por um vagar pelos sentidos, pelas emoções, vivências e afetos ao longo da trajetória. Um vagar pela memória. Castro Mendes, ao longo das páginas do livro, traz o enredo náutico como ferramenta para a composição de sua ideia de transitoriedade, construindo arquétipos que reverberam no leitor a imagem clássica do enredo homérico sobre a volta de Ulisses à sua terra, e dentro deste quadro, constrói uma poesia pulsante que salienta as circunstâncias da vida como grande formadora do sujeito. Uma poesia de experiência que se intui resultar do percurso de vida do poeta que foi também diplomata e Ministro da Cultura, e que fez de si um estrangeiro a cada novo destino; tal qual um Ulisses que traz sua Ítaca e suas viagens na memória, Luís Filipe carrega consigo a sua própria história, que parece ir sendo revelada como o desenrolar de um carretel de linha, deixando ao leitor a certeza da irreversibilidade do tempo.

Refletir o ontem no hoje é uma forma de abordar a memória (como se lê em *Voltar*). Ao percorrer esse caminho de ida e regresso, encontram-se registros do vivido, preservação e resgate de imagens ou reconstrução da experiência humana, nas relações do sujeito com o mundo, com ele próprio e até mesmo com o criador. É na recriação, no tecer e destecer, na transformação da rememoração em linguagem que surge a oportunidade poética em Castro Mendes. Este faz dessa oportunidade o seu brado retumbante no mundo que o cerca e no seu próprio universo interior, porque, ao escrever, faz das memórias as epifanias de vida, e revela, através da inexorável arma do tempo, que os caminhos percorridos podem até parecer iguais, mas quem os inicia nunca será o mesmo que os finaliza.

Julia Araujo Borges

Doutoranda em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense (Brasil).